



COLÓQUIO  
CURRÍCULO  
2017

Educação,  
Formação &  
Crioulidade

6 e 7 de julho  
em Cabo Verde

# OS CURRÍCULOS-ENTRE- REDES COMO FORMA DE RESISTÊNCIA CRIATIVA: AS RELAÇÕES DE AMIZADE TECIDAS E O FACEBOOK COMO MÍDIA DE INTERAÇÃO

**Dr<sup>o</sup>. Wellington Machado Lucena**

Faculdade Estácio de Vila Velha/ES; NUPEC - Universidade  
Federal do Espírito Santo, UFES (BRASIL)

E-mail: [msclucena@hotmail.com](mailto:msclucena@hotmail.com)

# OS CURRÍCULOS-ENTRE-REDES COMO FORMA DE RESISTÊNCIA CRIATIVA: AS RELAÇÕES DE AMIZADE TECIDAS E O FACEBOOK COMO MÍDIA DE INTERAÇÃO

O texto apresenta o estudo realizado com os cotidianos de uma escola de ensino médio da rede estadual do Estado do Espírito Santo, localizada no município de Vila Velha/ES-Brasil. A pesquisa busca colocar em discussão os planos de intensidade percorridos com os respectivos usos das redes sociais virtuais pelos alunos praticantes dos cotidianos desta escola, e como nesses planos de intensidade as relações de amizade produzem os currículos-entre-redes tecidos nesses cotidianos. A opção metodológica se deu especialmente pelo interesse em se desvencilhar da linearidade cartesiana dos modelos tradicionais de pesquisa, nesse sentido, a partir da pesquisa com os cotidianos busca-se problematizar a partir das narrativas e imagens dos estudantes, que usos têm sido feitos dessas redes sociais nos cotidianos das escolas pelos sujeitos praticantes, sobretudo os alunos, e como esses usos diferenciados potencializam as relações de amizade.

# OS USOS CURRICULARES COM AS REDES SOCIAIS: OU SOBRE A PRODUÇÃO DOS CURRÍCULOS- ENTRE-REDES

O que estamos nos propondo a estudar, as redes sociais, surgiram a partir da popularização da internet no final do século XX. Neste período, foram desenvolvidas tecnologias da informação e de comunicação digitais aproveitando os recursos tecnológicos disponíveis para ultrapassar as barreiras físicas e geográficas nos processos de comunicação e interação. Desde o seu início, a internet é utilizada para fins de comunicação, seja por e-mail ou por sala de bate-papo, os usuários da rede, encontraram no universo da internet uma nova e ampla forma de interação social. A rede surgiu na década de 60 para comunicar bases militares dispersas pelo mundo, pela sua abrangência e capacidade de comunicação, nas décadas de 70 e 80 passou a ser utilizada por centros de pesquisas instalados em algumas universidades. Por ser um importante meio de comunicação, professores e estudantes de diversas universidades passaram a trocar mensagens e informações acadêmicas através da rede.

O uso da internet como forma de interação social difundiu-se, principalmente a partir da criação de ferramentas denominadas sociais, ou ainda mídias sociais, ou seja, ferramentas onde o objetivo era o de conectar pessoas onde elas estivessem, difundindo-se, então, o conceito de redes sociais. “As redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais.” (RECUERO, 2012, p. 16). Através dos usos das tecnologias, as redes no ambiente são criadas como forma de interação humana, mas amplificada pelas ferramentas tecnológicas que conectam pessoas em diversas regiões do planeta. Nota-se aí uma reconfiguração das redes atravessadas pela diversidade tecnológica disponível. O acesso à internet é feito não somente pelo computador de mesa, mas também pelos computadores portáteis, tablets e aparelhos de celular. O que estamos querendo dizer com isso, é que o usuário, ao acessar a rede, o faz de qualquer lugar que possa estar conectado. Além da amplitude de interação oferecida pela própria internet, existe a mobilidade dada pelo uso de certas tecnologias.

Na pesquisada realizada para a produção desse texto identificamos que do total de 856 questionários respondidos completamente, 92% afirmaram utilizar o Facebook como principal rede social, utilizam para postar e compartilhar imagens, se atualizarem de eventos e se informarem das atividades realizadas por outras pessoas. Usam também para se conectarem com amigos, familiares e namorados/as; seguido pelo whatsapp, sendo utilizadas por 86% dos respondentes para troca de mensagens entre amigos, familiares e namorados/as; 82% afirmaram utilizar o Youtube, principalmente para acessar vídeos de música, dicas de games e conteúdos escolares; 43% dos respondentes informaram utilizar o Instagram, também para postar fotos e curtir fotos de amigos; 40% afirmaram fazer uso do Twitter para visualizar comentários de outras pessoas e interagir nesses comentários; outros 40% afirmaram usar o Snapchat para trocas fotos, e destes 8% relataram o uso deste aplicativo para trocas fotos de nudez entre os colegas.

Compreendendo as tramas das redes que se estabelecem nestes cotidianos, percebemos como os usos das redes sociais virtuais estão presentes em grande parte das falas dos alunos, principalmente em relação ao contato que possuem com seus amigos. Essas redes de encontros coletivos surgem como outras possibilidades de encontros e de conversas para esses jovens como entre-redes tecidas além do encontro físico e do limite geográfico.

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (LÉVY, 1996, p.16).

Os usos realizados dessas redes sociais virtuais são atravessados pelas necessidades e intencionalidades de pertencer a um coletivo, mas, ao mesmo tempo, potencializando práticas de individualidade, narcisismo e exibicionismo, se debruçam sobre elas conectados a outros sujeitos, outras redes, outros espaçostempos. Essas redes estabelecidas por esses jovens são essencialmente determinadas por questões culturais, é a tessitura de movimentos, de novidades e experiências.

A necessidade dos estudantes pertencerem a determinados grupos, a determinados coletivos nos faz pensar como esse coletivo produz platôs de intensidades constituindo o que estamos conceituando de currículos-entre-redes. O pertencimento a um coletivo promove experiências de amizades vividas com as redes sociais, produzindo saberes-fazeres múltiplos e fluxos de movimentos e ações (CARVALHO, 2009). Como nos falam Deleuze e Guattari (1995, p. 49), “por "agentes coletivos" não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades”. Há um agenciamento coletivo na constituição dessas redes através das relações entre os sujeitos praticantes das redes sociais.



**(IN) CONCLUSÕES: AS RELAÇÕES DE AMIZADE TECIDAS COM OS CURRÍCULOS-ENTRE-REDES COMO FORMA DE RESISTÊNCIA CRIATIVA**

Percebemos, na pesquisa, que as relações de amizade são muito presentes nas redes sociais dos estudantes e por esse motivo estimulamos os alunos, através da modalidade de associação de palavras, nos dizer o que significa a palavra amizade para eles. Quando questionamos os estudantes envolvidos na pesquisa, quais associações fazem a palavra “amigos”, as respostas que aparecem denotam o que pensar a respeito das relações de amizade.

Alegrias, eternos, companheiros, diversão, leal, confiança, famosinho, bagunça, rir, infância, risos, loucuras, beber, sorrisos, festa, chatos, conversa, escola, companhia, poucos, zoeira, curtição, felicidade, importante, família, saidinha, irmãos, brother, escola, pessoas, nomes, futvolei, não tenho intimidade, divertidos, tudo, tem que ser de verdade, alegria.

A maior parte desses jovens possui amigos virtuais, relações de amizades que foram construídas no ambiente das redes sociais. Para alguns a internet apresenta-se como um mundo diferente do seu mundo real, é uma forma de escape do mundo que não se quer viver. Da mesma forma, as amizades estabelecidas nesse mundo das redes sociais é uma forma ampliar as possibilidades de amizades, interações, informações e até mesmo se travestir como outro alguém que não está presente no mundo físico, nesse caso, aquele lugar da escola.

Para os estudantes, pertencer a essas redes acaba se constituindo, também, como um modo de vida. Deleuze (1992, p. 116) no diz que: “trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder se apropriar-se deles.”

# Referências Bibliográficas

AMANTE, L. “Bota no face professora....lá é onde tudo acontece”- Facebook e universidade: uma

pesquisa com estudantes do Brasil. In: TORRES, P. L. (org.) Redes e mídias sociais. Curitiba: Appris,

2015. p. 41-62

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA. I. B.; ALVES.

N. (org.) Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et

Alii, 2008. p. 39-48

CANCLINI, N. G. Leitores, espectadores e internautas. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARVALHO, J. M. Pensando o currículo escolar a partir do outro que está em mim. In: FERRAÇO, C.

E. (org.) Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

p. 94-111.

CARVALHO J. M., FERRAÇO C E. CURRÍCULO, COTIDIANO E CONVERSAÇÕES. Revista e-

Curriculum 2012, v. 8. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76623546005>>. Data de

acesso: 04 de fevereiro de 2016.

CERTEAU, M. d.A Escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano:1artes de fazer. 14 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DELEUZE, G..Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974

\_\_\_\_. DELEUZE, G. A IMANÊNCIA: uma vida...Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/FACED,

v.27, n. 2, p.10-18, jul./dez. 2002

DELEUZE, G.;GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_.O que é a filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G; Parnet C. Diálogos. São Paulo:Escuta, 1998.

FERRAÇO, C. E. A pesquisa em educação. In.:FERRAÇO, C. E.; PEREZ, C. L. V.; OLIVEIRA, I. B.

(orgs). Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa no/dos/com os

cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. 14ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_.O triunfo social do prazer sexual: uma conversaçãocom Michel Foucault.  
In: MOTTA, M. (org).

Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. V. 5,  
p. 119-125. Coleção

Ditos & Escritos.

GARCIA, R. L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA,  
R. L. (org.). Método;

Métodos; Contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-208

LÉVY, P. O que é virtual?São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. As Tecnologias da Inteligência. Rio de Janeiro: Editora 34. 1997.

\_\_\_\_\_. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4.  
ed. São Paulo: Loyola, 2003.



MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, I. B. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em

educação. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (org.) Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:

sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 49-64.

PAIS, J. M. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. S. Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004.